

# BUSCANDO CONEXÕES: ANÁLISE DA CONCEPÇÃO DO SENTIDO DA VIDA EM ROBERT NOZICK

*Anamar Moncavo*

Departamento de Filosofia do Colégio Pedro II / RJ

**Resumo:** Robert Nozick reflete sobre o sentido da vida no capítulo 6 da obra *Philosophical Explanations* (1981). Sua concepção de sentido da vida tenta captar o que há de essencial nas duas grandes visões compartilhadas pelo senso comum sobre o assunto, segundo as quais: a) a morte é um obstáculo para que a vida tenha sentido, e b) cumprir o propósito de Deus é necessário para o sentido. Nozick confrontará ambas as noções, mostrando-as insustentáveis, mas ainda assim trazendo, no seu íntimo, aspectos importantes a serem levados em conta na constituição da noção de sentido da vida. A partir disso, Nozick defenderá que o sentido tem a ver com estabelecer conexões que transcendem os limites do eu, levando-nos a uma discussão metafísica sobre o ilimitado. Ao mesmo tempo em que flerta com uma posição poder-se-ia dizer religiosa, verificaremos que o filósofo tenta escapar dos seus impasses, encontrando uma alternativa para viabilizar o sentido mesmo em um universo que não conta com a existência do ilimitado. Nozick acreditará encontrar tal alternativa na noção de valor. Defenderemos que essa reviravolta naturalista é um tanto problemática e guarda, na tentativa de garantir a possibilidade de sentido sem depender do transcendente, fragilidades internas.

**Palavras-chave:** Sentido da vida, morte, Deus, ilimitado, transcendência, valor.

**Abstract:** Robert Nozick reflects on the meaning of life in chapter 6 of his book *Philosophical Explanations* (1981). His conception of the meaning of life tries to capture what is essential in the two great views shared by common sense on the subject, according to which: a) death is an obstacle for life to have meaning, and b) fulfilling God's purpose is necessary for meaning. Nozick will confront both notions, showing that they are unsustainable, but still bringing important aspects to be taken into account in the constitution of the notion of the meaning of life. From this, Nozick will argue that meaning has to do with establishing connections that transcend the limits of the self, leading us to a metaphysical discussion about the unlimited. At the same time that he flirts with a religious position, we will verify that the philosopher tries to escape from it, finding an alternative to make meaning viable even in a universe in which the unlimited does not exist. Nozick believes he finds such an alternative through the notion of value. We will argue that this naturalistic twist is very problematic and harbors internal weaknesses regarding the attempt to guarantee the possibility of meaning without depending on the transcendent.

**Keywords:** Meaning of life, death, God, unlimited, transcendence, value.

## Introdução

Seguindo um truísmo na discussão analítica contemporânea sobre o sentido da vida, Robert Nozick<sup>1</sup> entende que a questão sobre o sentido que a vida tem (ou pode ter) é central para a existência humana, por estar atrelada a emoções e aspirações profundas que carregamos dentro de nós.<sup>2</sup> Por isso, Nozick põe-se na tarefa de entender quais condições devem ser satisfeitas para que uma vida tenha sentido e *se* elas podem efetivamente ser satisfeitas.

Inicialmente, Nozick verifica que as pessoas, ao falarem sobre uma vida com sentido, estão geralmente expressando alguma, ou algumas, dessas noções: 1) uma vida ordenada e integrada a partir de um plano ou uma hierarquia de objetivos que lhe dão forma e direção; 2) uma vida que possui intencionalmente, pela pessoa que a vive, determinadas características e padrões; 3) uma vida no qual os outros podem perceber que padrão ou plano é esse; 4) e a partir do qual podem aprender uma lição; 5) uma lição positiva. Sintetizando esses diferentes usos comuns em uma concepção unificada, uma vida significativa é uma em que o padrão que a vida da pessoa “transparentemente exemplifica fornece uma lição positiva” (NOZICK, 1981, p. 578).

Note-se que essa concepção fornece apenas os critérios estritamente formais de uma vida com sentido, mas seu conteúdo ainda permanece um mistério, isto é: permanece em aberto que plano ou objetivo deveria ser esse, bem como o conteúdo dessa lição positiva. Nesse sentido, Nozick reconhece também que há duas grandes visões que captam percepções abrangentes, dominantes (amplamente compartilhadas pelo senso comum) e complementares sobre o sentido: a de que a morte ou a finitude é um obstáculo para uma vida significativa e, por outro lado, a de que a existência de Deus é uma condição necessária para que a vida tenha sentido.

Seguindo um método similar ao utilizado para chegar à noção meramente formal já exposta, Nozick tentará criar uma concepção unificada a partir de ambas as visões, mas não simplesmente aglutinando-as: ele rejeitará ambas as posições lhes opondo objeções; mas, ao mesmo tempo, reconhecerá que *através delas* podemos entrever elementos mais básicos que captam algo de essencial à noção de sentido da vida. Assim, conforme se verá, para o filósofo, o sentido da vida está ligado, fundamentalmente, à *necessidade humana de*

<sup>1</sup> Todas as traduções feitas ao longo do artigo foram feitas pela autora, salvo quando indicado o contrário. Para citações longas, a versão original está disponibilizada nas notas para apreciação.

<sup>2</sup> Para um aprofundamento maior nesse assunto, ver: MONCAVO, A. *Da validade psicológica do problema do sentido da vida em Raymond Martin*.

*estabelecer conexões para além do próprio eu.* Sigamos, pois, a trajetória reflexiva feita por Nozick para compreender o que isso significa exatamente.

### **Primeira grande percepção comum sobre o sentido: a morte como obstáculo**

Amiúde, dentro ou fora da filosofia, a morte é invocada como um obstáculo à possibilidade de a vida ter sentido; é comum que os questionamentos sobre o tema se iniciem justamente a partir de reflexões diante do reconhecimento do fato incontornável de que morreremos. Tolstói é um exemplo perfeito disso, quando afirma, em *Confissões*:

A doença e a morte, mais cedo ou mais tarde, acabariam por vir (na verdade, aproximavam-se já), afetando toda a gente e eu próprio, e nada restaria exceto podridão e vermes. Os meus feitos, sejam eles quais forem, serão esquecidos mais cedo ou mais tarde, e eu próprio não existirei mais. Porquê, então, fazer seja o que for? Como pode alguém não ver isto e viver? É isso que é espantoso! (...) Por que hei-de viver? Por que hei-de desejar ou fazer seja o que for? Ou, de outra forma ainda: Há algum sentido na minha vida que não seja destruído pela minha morte, que se aproxima inevitavelmente? (TOLSTÓI, 1996, p. 27-35 *apud* ALMEIDA, 2007, p. 90-91).

A finitude, de acordo com Tolstói, impede que a vida tenha sentido; não há razão para fazer seja o que for, se nós e nossas obras terminaremos por desaparecer. Como consequência, somente a fé em um Deus (que nos criou com um propósito) e na imortalidade da alma podem conferir um sentido, transcendente, à existência humana.

William Lane Craig, em *The absurdity of life without God*, sentenciar:

A humanidade é uma raça condenada em um universo moribundo. Porque a raça humana eventualmente irá deixar de existir, em última instância não faz diferença se alguma vez existiu. (...) As contribuições dos cientistas ao avanço do conhecimento humano, as pesquisas do doutor para aliviar a dor e o sofrimento, os esforços do diplomata para assegurar a paz no mundo, os sacrifícios de homens bons em todos os cantos para melhorar o destino da raça humana — tudo isso se reduz a nada. No fim tudo isso não faz a mínima diferença, a mínima. (CRAIG *apud* EDWARDS, 1967, p. 467-77).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> "Mankind is a doomed race in a dying universe. Because the human race will eventually cease to exist, it makes no ultimate difference whether it ever did exist. (...) The contributions of the scientist to the

De acordo com Craig, as conquistas e realizações humanas não culminam em nada: mesmo que tornemos o mundo um lugar melhor, o universo é efêmero e nós o somos também, e morreremos em breve, como se nunca tivéssemos existido. O sol um dia se extinguirá e a vida será impossível. Uma vida sem Deus não faria sentido porque dessa maneira não poderíamos *transcender os limites de nossa finitude*, a miséria da nossa própria condição na Terra. A morte evidencia nossos limites, nossa pequenez diante de um universo infinito, conforme Turguêniev: “O lugar insignificante que ocupo é tão minúsculo em comparação com o resto do espaço (...) A parcela de tempo que hei de viver é tão ridícula em face da eternidade, onde nunca estive nem estarei” (TURGUÊNIEV, 1971, p. 153). A certeza da morte nos faz questionar o valor não apenas de nossos esforços e empreendimentos, de nossas lutas, mas também põe em dúvida nosso próprio valor. E essas reflexões estão longe de serem raras fora da filosofia especializada. Provavelmente não poucas pessoas, em algum momento, já se perguntaram qual é o sentido de tudo se um dia deixaremos de existir, e indagações desse tipo parecem ensejar quase que naturalmente uma resposta religiosa, como a de Tolstói, que aponta para uma realidade mais fundamental capaz de redimir a nossa morte física.

Todas essas ideias são já lugares comuns. Contudo, Nozick mostra que tais suposições, por óbvias que pareçam, não se sustentam tão facilmente do ponto de vista racional. Será que se nossa vida continuasse para sempre ela adquiriria automaticamente sentido por isso? Sob essa ótica, não parece tão evidente que a infinitude por si mesma seria capaz de agregar sentido à vida. Nessa linha, o filósofo nota que, para alguns, é precisamente a morte o que torna a vida significativa – como para Victor Frankl, que questiona:

Como seriam nossas vidas se não fôssemos finitos no tempo, mas infinitos? Se fôssemos imortais, poderíamos legitimamente adiar cada ação para sempre. Não teria importância se fizemos ou não uma coisa agora; cada ação poderia muito bem ser feita amanhã ou no dia seguinte ou daqui a um ano ou daqui a dez anos. Mas em face da morte como o fim absoluto de nosso futuro e limite de nossas possibilidades, estamos sob o imperativo de aproveitar ao máximo as nossas vidas, não deixando as

---

advance of human knowledge, the researches of the doctor to alleviate pain and suffering, the efforts of the diplomat to secure peace in the world, the sacrifices of good men everywhere to better the lot of the human race — all these come to nothing. In the end they don't make one bit of difference, not one bit”.

oportunidades singulares — cuja soma “finita” constitui a totalidade da vida — passarem sem uso. (FRANKL *Apud* NOZICK, 1981, p. 579)<sup>4</sup>

Se nossa vida fosse infinita, talvez nunca realizássemos nada, pois sempre haveria a oportunidade de fazê-lo depois. A morte traria urgência à vida, fazendo reconhecermos que cada instante é potencialmente único e último, e que devemos agarrar as oportunidades assim que aparecerem.

Para Nozick, a percepção da morte como algo que entra em conflito com a possibilidade de nossa vida ter sentido está, é claro, relacionada ao desejo de durar para além da morte, para sempre. E, se não for possível recorrer à alma imortal, a Deus ou aos céus para *permanecermos* efetivamente, então ao menos talvez poderíamos sobreviver de algum modo por meio das coisas que deixamos em nossa vida, a saber, os efeitos do que fizemos ou realizamos, as marcas e os rastros que deixamos. Em suma, Nozick percebe que as pessoas querem, fundamentalmente, deixar *traços*, sinais de que estiveram ali, alcançando algum tipo de imortalidade (NOZICK, 1981, p. 582). Nozick cita então alguns exemplos expressivos desse desejo de se imortalizar, deixando marcas no mundo: através da procriação, da criação de uma grande obra ou através de alguma descoberta ou realização.

Não são, entretanto, quaisquer traços que contam: eles devem ter importância, expressando algum aspecto significativo do indivíduo em questão, indicando ou sinalizando que a vida dele teve relevância. Deixa-se entrever, por trás de tudo isso, a compreensão (sustentada, inclusive, por uma longa tradição filosófica) de muitas pessoas de que o permanente é mais valioso e significativo do que o transitório e efêmero:

(...) não se pode negar que alguns ficam agarrados à ideia de traços que continuam para sempre. Daí, encontramos algumas pessoas perturbadas com a termodinâmica, preocupadas que, daqui a milhões de anos, o universo entrará em um estado de máxima entropia, sem nenhum traço remanescente de nós ou do que fizemos. Na opinião delas, isso eventualmente torna a existência humana

---

<sup>4</sup> “What would our lives be like if they were not finite in time, but infinite? If we were immortal, we could legitimately postpone every action forever. It would be of no consequence whether or not we did a thing now; every act might just as well be done tomorrow or the day after or a year from now or ten years hence. But in the face of death as absolute *finis* to our future and boundary to our possibilities, we are under the imperative of utilizing our lifetimes to the utmost, not letting the singular opportunities — whose ‘finite’ sum constitutes the whole of life — pass by unused”.

absurda; a eventual obliteração de todos os nossos vestígios também oblitera ou debilita o sentido de nossa existência. (NOZICK, 1981, p. 585)<sup>5</sup>

Ainda que, para Nozick, não esteja claro o motivo pelo qual as pessoas sentem que a permanência ou duração é mais valiosa do que o oposto, ele também entende que uma teoria adequada sobre o sentido da vida deve em certa medida acolher esse sentimento, não sendo razoável simplesmente ignorá-lo. De fato, o problema da finitude aparece insistentemente em variadas reflexões sobre o sentido da vida, de modo que temos razões para julgar a permanência e a duração como elementos positivos a serem levados em conta na construção de uma concepção de sentido. Vejamos, a seguir, a segunda grande visão, que afirma que Deus é necessário para que a vida tenha sentido.

### **Segunda grande percepção comum sobre o sentido: a necessidade de Deus**

O que a segunda grande visão diz, geralmente, é que o sentido da vida deve consistir em cumprir o papel que Deus atribuiu à nossa existência, isto é, em cumprir o propósito que Deus designou a nós, suas criaturas. Quanto a isso, apesar das pessoas amiúde questionarem se Deus realmente existe e, se sim, se possui um propósito para sua criação, parece que poucos estão dispostos a negar que, ao menos em tese, realizar o plano de Deus *poderia* trazer sentido à vida.<sup>6</sup> No artigo *Poderá o propósito de Deus ser a fonte do sentido da vida?*, Thaddeus Metz mostra como a teoria do propósito é atraente mesmo para aqueles que *negam* que suas condições sejam verdadeiras (ou seja, negam que Deus existe e que estabeleceu um propósito para nós), coadunando-se a uma série de intuições e juízos comuns sobre o tema:

A teoria do propósito é uma explicação à partida atraente do que poderá dar sentido à vida. Explícita o que significa “ter uma razão para existir” ou “ter um objetivo na vida”. Acomoda-se ao fato de “propósito” ser um dos sinônimos de

---

<sup>5</sup> “Yet, it cannot be denied that some are gripped by the notion of traces continuing forever. hence, we find some people disturbed over thermodynamics, worrying that millions of years from now the universe will run down into a state of maximum entropy, with no trace remaining of us or of what we have done. In their view, this eventually makes human existence absurd; the eventual obliteration of all our traces also obliterates or undermines the meaningfulness of our existence”.

<sup>6</sup> Segundo Thaddeus Metz, “Poucos naturalistas defenderiam que, se Deus existisse, ter uma relação com ele não aumentaria o sentido da nossa vida (...) os naturalistas típicos dificilmente ficariam desagradados se subitamente descobrissem que Deus existe; sustentariam simplesmente que para uma vida ter sentido não tem de existir um ser espiritual que alicerça o universo” (METZ, 2009, p. 127).

“sentido”. Explica a intuição de que o que confere sentido à vida de alguém é uma questão objetiva, isto é, que o sentido não é meramente uma função de satisfazer quaisquer desejos que uma pessoa por acaso tenha. Fornece um candidato plausível para o que poderá conferir importância às nossas vidas, nomeadamente um ser sagrado. Finalmente, adequa-se ao juízo de que a maior parte das pessoas (se não todas) é capaz de viver uma vida com sentido, mas que nem todas a vivem de fato. (METZ, 2009, p. 104)

Contudo, não está tão claro para Nozick como cumprir o papel que Deus nos atribuiu seria capaz de tornar nossa vida significativa. Em primeiro lugar, Nozick questiona, será que *qualquer* papel, desde que atribuído por Deus, seria suficiente para conferir sentido às nossas vidas? Por exemplo, digamos que nosso propósito, dentro dos planos divinos, seja fornecer CO<sub>2</sub> para as plantas; isso soaria como uma resposta satisfatória? Dificilmente. Supomos e queremos que esse papel seja importante, na verdade, maximamente importante, e que diga respeito a aspectos nossos que prezamos e dos quais nos orgulhamos. (NOZICK, 1981, p. 586) Mas, mesmo que todas essas condições se satisfizessem, ainda poderíamos perguntar por que cumprir o propósito de Deus daria sentido a nossa vida. Alguém poderia dizer que Deus é bom e cumprir seu propósito seria bom também, mas não é estritamente necessário que o que seja bom dê sentido. Alguém poderia dizer que o relevante aqui é que um ser nos tenha criado com um propósito, mas parece extremamente improvável que ficaríamos satisfeitos e sentíssemos que nossa vida é significativa se extraterrestres nos tivessem criado para lhes servir de combustível. Pelo que foi colocado, parece que deve haver *algo* no propósito de Deus que garanta sentido e importância. Mas o quê?<sup>7</sup>

Através de uma fábula, Nozick apresenta uma situação hipotética na qual Deus se defronta com o problema do sentido da própria existência. Para tornar a própria existência significativa, Deus fez sua criação, que exigiu todos os seus poderes e capacidades, absorvendo-o inteiramente. Mas logo a tarefa foi completada: criou os céus, a terra e todas as criaturas. E, pensando sobre o que fez, passou a inquirir sobre qual seria o significado daquilo:

Quero dizer, o todo, quando olhado de forma dura e fria, era em si apenas um objeto, sem importância intrínseca, contendo criaturas em uma condição tão despropositada quanto a que eu estava tentando escapar. Dada a possibilidade de meus talentos e poderes serem aqueles de um ser cuja existência pode muito

---

<sup>7</sup> Para resposta de Cottingham sobre essa questão, ver: MONCAVO, Anamar. *Existência, transcendência e o sentido da vida em John Cottingham*.

bem ser sem sentido, como poderia o exercício deles dotar minha existência com propósito e sentido se surgiu daí apenas um objeto sem valor?

Neste ponto de meus pensamentos, encontrei a solução para o meu problema. Se eu fosse criar um plano, um desígnio grandioso no qual minha criação se encaixasse, no qual minhas criaturas, servindo ao padrão e propósito que eu havia ordenado para elas, encontrariam seu propósito e meta, então essa mesma atividade de dotar sua existência com sentido e propósito seria o meu propósito e daria sentido e objetivo à minha existência. (NOZICK, 1981, p. 588-589)<sup>8</sup>.

A saída desesperada que Deus encontrou para a falta de sentido da própria existência foi o estabelecimento de um propósito para suas criaturas, e essa própria tarefa de dar sentido à existência *delas* constituiria o *seu* próprio sentido e propósito, tentando desconsiderar a questão sobre se de fato é possível seres proverem sentido uns para os outros, devaneios que o levaria a um caminho sombrio e, finalmente, a uma alternativa terrível: destruir tudo.

A partir dessa fábula, se faz mais premente a pergunta do motivo pelo qual o cumprimento do propósito de Deus tornaria nossas vidas significativas. Se Deus tivesse nos dado um propósito para fugir da sua própria falta de propósito, então em que medida cumpri-lo poderia genuinamente trazer sentido às nossas vidas? Além disso, se homem e Deus podem dar sentido à existência um do outro, por que, Nozick questiona, duas pessoas não poderiam fazer o mesmo uma pela outra? E, se o único propósito *do propósito* é conferir sentido à vida de outros seres, ou à própria vida, então parece que ele está fadado a fracassar, por trazer à tona sua arbitrariedade: *qualquer coisa* potencialmente seria capaz de constituir o propósito. Isso significa que o plano de Deus, para ter êxito em promover sentido, deve ter um propósito independente, deve ser *significativo por si mesmo*.

Alguém talvez diga que o plano de Deus, por ter sido estabelecido por Ele, já é significativo por si mesmo. Porém, isso não é o suficiente para superar certas dificuldades, pois, uma vez mais,

O que há sobre os propósitos de Deus que os tornam significativos? Se nosso universo fosse criado por uma criança de alguma outra vasta civilização em um universo paralelo, se nosso universo fosse um brinquedo que ela construiu,

---

<sup>8</sup> "I mean, the whole of it, when looked at starkly and coldly, was itself just an object, of no intrinsic importance, containing creatures in a condition as purposeless as the one I was trying to escape. Given the possibility of my talents and powers were those of a being whose existence might well be meaningless, how could their exercise endow my existence with purpose and meaning if it issued only in a worthless object?"

talvez a partir de partes pré-fabricadas, não se concluiria que os propósitos da criança seriam significativos. Ser o criador de tudo o que vemos não é suficiente para dotar seus propósitos de sentido. É verdade que os propósitos de Deus são os propósitos de um ser poderoso e importante (em comparação a nós). No entanto, é difícil ver por que isso é suficiente para esses propósitos fundamentarem nossa existência em sentido. Poderiam os propósitos dos cientistas dar sentido à vida de curta duração do animal artificialmente criado que eles mantinham em um ambiente de laboratório controlado? Os cientistas, criadores do universo e da vida do animal, seriam como deuses para eles. (NOZICK, 1981, p. 590)<sup>9</sup>.

O mero fato de haver um ser superior a nós que nos criou com um propósito não seria o bastante para assegurá-lo como significativo e para prover nossa vida com sentido; de forma semelhante, a criação de robôs à nossa imagem e semelhança com inteligência artificial altamente desenvolvida com o propósito de facilitar nossa existência e torná-la mais agradável não atesta, por si só, nada a respeito da “significatividade” desse plano, não estabelece nenhum elo dele com a capacidade de conferir genuinamente sentido à vida desses seres. Criar robôs para nos servir não parece um desígnio amigável e com o qual eles *devam* qualquer comprometimento ou lealdade. Nós até podemos achar que essa função dos robôs é significativa *para nós*, mas daí não se segue que devam achá-la significativa *para eles*, e seria uma extrapolação pensar que o propósito dos robôs, sendo importante para nós, automaticamente conferiria sentido à existência deles. Sempre podemos levantar dúvidas sobre o desígnio estabelecido e acerca da natureza desse ser superior e suas intenções. Conforme Nozick questiona, e se Deus for esquizofrênico ou tiver múltiplas personalidades? Como negar categoricamente tais possibilidades? E se, por outro lado, o argumento é que devemos seguir o propósito de Deus porque *este propósito é bom*, então não é seguir o propósito *de Deus* que está em jogo, e sim perseguir um propósito *bom*. Não importaria, a princípio, se ele é determinado ou não por um ser superior, pois o que estaria

---

<sup>9</sup> “What is it about God’s purposes that makes them meaningful? If our universe were created by a child from some other vast civilization in a parallel universe, if our universe were a toy it had constructed, perhaps out of prefabricated parts, it would not follow that the child’s purposes were meaningful. Being the creator of all we see is not sufficient to endow his purposes with meaningfulness. Granted, the purposes of God are the purposes of a powerful and important being (as compared to us). However, it is difficult to see why that suffices for those purposes to ground our existence in meaning. Could the purposes of scientists so give meaning to artificially created short-lived animal life they maintained in a controlled laboratory environment? The scientists, creators of the animal’s universe and life, would be as gods to them. Yet it would be unbearably poignant if the most intelligent animal, in a leap of intuition, did its equivalent of worshipping the absent scientist”.

em jogo, em última instância, é o valor intrínseco daquele propósito. Com todas essas reflexões, Nozick pretende tornar evidente e premente uma questão central, a saber: “como, ou em virtude do que, uma visão religiosa pode fundamentar o sentido de nossas vidas?” (NOZICK, 1981, p. 593).

Mesmo concebendo Deus da forma mais tradicional, ainda assim é possível perguntar o que há em Deus que fundamente o sentido, isto é, qual aspecto ou quais aspectos dele são capazes de fazê-lo. Certamente, como verificado, ser o criador do universo não é um desses aspectos. Talvez a existência de Deus seja intrinsecamente significativa dado que se trataria de um ser ilimitado e infinito, de modo a não poder ser diminuído por nada, pois Deus é o próprio *alicerce*, na acepção de ser o nível mais fundamental e básico da realidade. Se Deus pode interromper as questões acerca do sentido, na medida em que não haveria nenhum nível mais profundo ou perspectiva mais ampla a partir do qual ele apareceria diminuído e destituído de valor, e se isso está ancorado no fato de ser ilimitado e infinito, então Nozick acredita que isso pode nos mostrar algo importante sobre o sentido da vida.

### **A essência do sentido: transcender os limites do eu**

Apesar das visões analisadas não se sustentarem em si mesmas – não está claro o motivo pelo qual a finitude retiraria sentido à vida, dado que também parece difícil demonstrar de que maneira uma existência que perdurasse infinitamente seria garantidamente mais significativa do que a outra, e Nozick mostrou toda a fragilidade da ideia de que o sentido dependeria do cumprimento de um propósito dado por Deus –, por meio delas, todavia, é possível depreender elementos importantes para uma concepção sobre o sentido da vida.

Na base da primeira percepção, o filósofo percebeu uma valorização comum daquilo que tem permanência e duração em detrimento do que é transitório e efêmero e, mesmo que tal preferência não esteja tão bem justificada racionalmente, trata-se de uma intuição amplamente compartilhada e que diz respeito a características positivas que uma vida pode ter, de modo que Nozick julga razoável acolhê-la na construção de uma concepção sobre o sentido.

Com relação à segunda percepção, Nozick demonstrou a fragilidade da tentativa de fundamentar o sentido da vida no cumprimento de um propósito dado por Deus. Se uma visão religiosa de mundo pode servir de fundamento para o sentido, não seria em virtude do fato de Deus nos ter criado com um propósito, mas sim devido a algum aspecto da natureza divina:

no caso, sua característica como um ser ilimitado, de tal modo que não haveria uma perspectiva mais ampla capaz de questionar ou diminuir seu valor.

Nozick, captando a essência dessas duas percepções, formula uma concepção que as unifica: as “tentativas de encontrar sentido na vida procuram transcender os limites de uma vida individual. Quanto mais estreitos os limites de uma vida, menos significativa ela é” (NOZICK, 1981, p. 594). No nível mais estreito de uma vida, ela será constituída por momentos díspares, desiguais e desconectados, não guardando nenhuma conexão ou unidade entre eles. Menos estreita que essa é a vida integrada por meio de planos, objetivos e propósitos, os quais, todavia, não se estendem para além da própria pessoa, limitada às suas curtas e pequenas preocupações egoístas (por exemplo, viver uma vida aprazível). A vida significativa deve ser, portanto, mais ampla, se conectando com outros elementos ou valores para além de si mesma. Para Nozick, mesmo a noção mais subjetiva de sentido da vida – aquela que entende que o indivíduo é que deve tornar a própria vida significativa – deve se referir a maneiras pelas quais alguém escolhe transcender os limites do próprio eu, conectar-se com alguma coisa para além dele mesmo, ligar-se a algo mais amplo: ter filhos, relacionar-se com outras pessoas, contribuir para transmitir tradições, promover a justiça, perseguir a beleza, a moral, a verdade, tentar melhorar o mundo e ajudar os outros (NOZICK, 1981, p. 595). Quanto mais envolvidos estamos nesses empreendimentos, mais transcendemos os limites do nosso eu, pois *menos preocupados estamos com o eu*.<sup>10</sup> Assim, curiosamente, dentro das gradações que vão da vida mais estreita a mais ampla e significativa, aquele que se dedica a certas atividades *para* tornar a própria vida significativa ainda *não* transcendeu totalmente os limites de si mesmo.<sup>11</sup>

Porém, há um problema: por mais amplas e intensas que sejam nossas conexões, por mais extensa que seja esta rede, sempre é possível, por meio da imaginação, “desenhar uma fronteira” (NOZICK, 1981, p. 596) em torno de tudo isso, olhando tal totalidade de fora e questionando seu sentido. Quanto mais conexões nossa vida estabelece com outras coisas, maior esforço imaginativo é necessário para perceber essas fronteiras, mas, como diz Nozick, é algo que *sempre* pode ser feito. Sempre podemos assumir uma perspectiva mais ampla, que enxerga aquela totalidade como a coisa pequena e particular que é. Nossa imaginação é capaz até mesmo de questionar se o tipo de vida talvez mais enaltecido, o de um messias, é significativa:

---

<sup>10</sup> Susan Wolf, uma das figuras mais representativas e influentes no debate contemporâneo, reconheceu, ainda que não tenha deixado explícita, esta tensão: daí ela dizer que para viver uma vida significativa não podemos nos concentrar muito nisso. (WOLF, 2010, p. 190).

<sup>11</sup> Visão que guarda muitas similaridades com a de Susan Wolf.

Mas ainda podemos perguntar quão importante é trazer o que quer que o Messias traga para os seres vivos do terceiro planeta de uma pequena estrela descentralizada na Via Láctea, uma galáxia sem nenhuma distinção especial dentro de sua metagaláxia particular, uma das muitas no universo. Ver os limites de alguma coisa, vê-la como aquela coisa ou empreendimento específico limitado, é questionar seu sentido. (NOZICK, 1981, p. 597)<sup>12</sup>

Alguns, como Paul Edwards (1967, p. 122), talvez se opusessem a isso dizendo que este padrão de avaliação é injustificadamente alto, que olhar as coisas “do ponto de vista do universo” nos levaria invariavelmente a uma posição pessimista, a qual, porém, não resultaria no único ponto de vista válido: tal padrão avaliativo seria desproporcionalmente exigente, e por isso mesmo, dispensável. No entanto, para Nozick, uma vez que o sentido envolve em si mesmo uma conexão com um contexto maior, não é apenas apropriado, mas também uma exigência, tomar o *contexto mais amplo possível* como o parâmetro para avaliar o sentido de algo (NOZICK, 1981, p. 598). Além disso, como ele observa, não se trata de uma perspectiva incomum. Na verdade, esse é um modo típico de colocar em questão o sentido de alguma coisa: descobrir outro ponto de vista a partir do qual tal coisa não é significativa ou importante. Na tentativa de sempre buscarmos um contexto mais amplo, acabamos refletindo sobre a importância da vida individual para a humanidade, a importância da vida na Terra para toda a vida na galáxia ou no universo, e assim por diante (NOZICK, 1981, p. 604).

Se algo adquire sentido ao se conectar com outra coisa para além dos próprios limites, esta coisa precisa ter ou ser fonte de sentido. Porém, de acordo com esse raciocínio, se esta coisa mesma tiver um limite, então ela não retira seu sentido de si mesma, mas através da conexão com alguma outra que a transcende, e assim ao infinito. A cadeia de questionamentos sobre o sentido só terminaria em algo que fosse *fonte* genuína desse sentido, e que não precisasse se conectar com nada para além dele, *pois não há nada para além dele*. O que significa dizer que apenas o ilimitado pode ser essa fonte. Se o sentido se torna problemático através dos limites, uma maneira de evitá-lo ou transcendê-lo seria por meio daquilo que não tem limites, somente quando não for possível delimitar fronteira alguma e se colocar para lá dela.

---

<sup>12</sup> “Yet still we can ask how important it is to bring whatever it is the messiah brings to the living beings of the third planet of a minor off-center star in the Milky Way galaxy, itself a galaxy of no special distinction within its particular metagalaxy, one of many in the universe. To see something's limits, to see it as that limited particular thing or enterprise, is to question its meaning”.

Nozick questiona se a atividade do pensamento não poderia ser algo desse tipo. Afinal, não há nada que não possa ser pensado ou teorizado. O conhecimento de verdades profundas e de leis fundamentais parece nos levar, de maneira mais significativa, para além de nossos limites (NOZICK, 1981, p. 597), e o filósofo indaga se não é por isso, no fundo, que tantos filósofos consideram o pensamento e a contemplação como as atividades mais elevadas. Todavia, na realidade, nem mesmo aí nós transcenderíamos todos os limites: “O pensamento pode ligar-se a tudo, mas esse é meramente um tipo particular de ligação: pensar em” (NOZICK, 1981, p. 598). Os números talvez pareçam ilimitados, mas não o são, pois não incluem árvores, armários e livros de filosofia. Eles são infinitos, mas têm limites – excluem outras coisas. Também o tempo pode ser sem fim em cada uma de suas direções, mas é “somente tempo” (NOZICK, 1981, p. 600).

O ilimitado tudo inclui, tudo engloba, não sendo possível se colocar em nenhum outro lugar a partir do qual se observe os seus limites, a partir do qual ele apareça como sem valor ou importância. Mas “se existir implica limitação, e ser é ser alguma coisa antes de ser outra coisa ou antes de ser nada, então o que engloba tudo não *existiria*, estritamente falando” (NOZICK, 1981, p. 601), pois, englobando tudo, transcenderia inclusive o par de termos existente-não existente; abarcaria em si não apenas o universo existente, mas todos os possíveis, todas as possibilidades da realidade. O ilimitado transcende inclusive o par significativo-não significativo, pois ele não se conecta com nada que lhe é *externo* (se o fizesse, seria devido à sua limitação), ou seja: não se pode perguntar qual é o sentido do ilimitado. O ilimitado interrompe a cadeia de questões sobre o sentido por *transcender essa própria noção*, mais do que pelo fato de ser ele mesmo significativo. Nessa perspectiva, um ser ilimitado “não poderia se preocupar sobre o sentido de sua própria existência, porque não poderia haver questões de sentido sobre sua existência” (NOZICK, 1981, p. 601-602). Mas, neste caso, torna-se mais obscura ainda a ideia segundo a qual se conectar com o ou ser parte do ilimitado tornaria nossa vida significativa. Isso só seria possível se, em vez de *evitar* a noção de sentido, o ilimitado *fosse* seu próprio sentido, o que é impossível para as coisas limitadas, conforme Nozick aponta (NOZICK, 1981, p. 602). Ele poderia ser seu próprio sentido já que, nesse caso, o contexto mais amplo seria ele mesmo, no qual ele poderia ser a um só tempo parte e todo. Não haveria nenhum ponto de vista mais vasto disponível (como há para qualquer coisa limitada) a partir do qual ele apareceria como insignificante ou destituído de ou reduzido em valor; a totalidade encontra em si mesma sua importância e sentido.

Partindo dessa perspectiva, resta ainda a questão sobre como nós, seres limitados, poderíamos trazer sentido para nossas vidas. Para isso, Nozick apresenta duas possibilidades: 1) Conectando-nos com esse ilimitado, fonte de sentido, de maneira que este *flua* para nós (concepção presente nas concepções religiosas ocidentais). 2) Se nós mesmos formos, em nossas naturezas fundamentais, ilimitados (caminho seguido pela filosofia indiana). Essas reflexões demonstram que o sentido é possível, ao menos, de um ponto de vista condicionado à existência de um ser ilimitado. Pela primeira possibilidade, essa natureza divina ilimitada seria exterior a nós; pela segunda, nós mesmos teríamos tal natureza.

Por óbvio, quaisquer dessas condições não necessariamente se efetivam na realidade, mesmo que sejam as únicas formas através das quais nossas vidas poderiam adquirir sentido, e precisamente por isso Nozick não parece satisfeito com a perspectiva de condicionar a possibilidade de viver uma vida com sentido à existência de uma realidade transcendente. Afinal, o fato de que só pode haver sentido caso exista um ser ilimitado *não* nos autoriza a acreditar ou supor que exista realmente um ser assim.

Admitindo que vivemos vez mais afastados de uma visão religiosa de mundo e cheios de dúvidas e incertezas sobre a transcendência, Nozick tenta encontrar uma alternativa para garantir que o sentido seja viabilizado em nossas vidas. Assim, de maneira um tanto quanto surpreendente, o filósofo manifesta a compreensão de que da natureza do sentido não se segue que aquilo com o qual devemos estabelecer conexão tenha necessariamente *sentido* em si mesmo. Isso com o que devemos nos conectar não pode ser *trivial*, mas não é só o que tem sentido que possui tal característica: o que possui intrinsecamente *valor* também não é trivial (NOZICK, 1981, p. 610). A cadeia de questionamentos não precisa, para terminar, encontrar algo que seja *fonte* de sentido; basta encontrar algo que seja *valioso*, intrinsecamente valioso.

Finalmente, Nozick especifica melhor com o que de exterior devemos nos conectar para viver vidas significativas: o sentido envolve transcender os limites *do seu próprio valor* e se conectar com *valores externos*, e não forçosamente infinitos, interrompendo a cadeia de questionamentos (NOZICK, 1981, p. 610). Mais especificamente, Nozick chama atenção para o comportamento ético: “ao nos comportarmos eticamente, transcendemos nossos próprios limites e nos conectamos ao valor do outro como valor” (NOZICK, 1981, p. 612). Para Nozick, o comportamento ético agrega sentido e valor à vida de alguém e, pela via oposta, o comportamento antiético o reduziria (NOZICK, 1981, p. 612). Dessa forma, o filósofo aproxima as noções de valor e sentido, tornando-as similares.

Estabelecer conexões que transcendem os limites do eu faz com que nos conectemos com algo de durável e permanente (um elemento importante para o sentido), e também está em consonância com a estrutura formal de uma vida significativa apresentada no início, visto que uma vida que se conecta com coisas valiosas independentes do eu de maneira consistente traz à tona um padrão de vida exemplar, o qual fornece uma lição positiva.

### Breves objeções

Nesta parte do trabalho, apontaremos algumas objeções à teoria de Nozick, particularmente em seu percurso final. Conforme visto, originalmente, todo o encaminhamento do raciocínio de Nozick tornou o sentido devedor da existência do ilimitado, mas isso levou o filósofo a um impasse; pois não há qualquer garantia dessa existência, isto é, nunca saberemos garantidamente se as condições para o sentido são satisfeitas pela realidade das coisas, então nunca alcançaríamos de fato esse sentido, talvez somente uma quimera de nossa imaginação. Mesmo que esse ser ilimitado exista, não teríamos como saber se essa natureza reside em nós ou fora de nós, então também não saberíamos como poderíamos nos conectar adequadamente com ela. Ansiaríamos profundamente por sentido, mas não saberíamos se seria possível satisfazê-lo, e como.

Para escapar desse impasse, Nozick propôs uma saída alternativa: em vez de nos conectarmos com o ilimitado, nossas vidas também podem adquirir sentido se nos conectarmos com coisas valiosas independentes de nós. Tal saída, no entanto, não está de todo livre de problemas. Pois consideremos, hipoteticamente, que um ser ilimitado de fato exista. Não seria razoável supor que a conexão com esse ilimitado, fonte de sentido, constituir-se-ia também como uma conexão com algo intrinsecamente valioso – ou, pelo menos, com algo cujo valor não pode ser questionado? Nesse caso, tal conexão não teria um estatuto superior àquelas outras conexões com coisas somente valiosas, mas não ilimitadas por natureza? Se mesmo as coisas valiosas possuem limites, então poderíamos questionar se – comparativamente à conexão com o ser ilimitado – elas possuem valor *suficiente* para fazer emergir o sentido.

Além disso, parece que em Nozick há também uma tensão conceitual. O filósofo aceita, ao mesmo tempo, duas grandes condições através das quais a vida poderia adquirir sentido, uma apontando para esse conceito como uma propriedade e outra, se aproximando mais de uma ideia relacional, isto é, respectivamente, uma apontando para a conexão com o ilimitado (*fonte* de sentido) e outra, para a conexão com valores exteriores a nós (os quais não

seriam intrinsecamente *fonte de sentido* propriamente dizendo, mas através de tal relação poderia *emergir* o sentido). Mas afinal, o sentido deve ser entendido como uma propriedade ou de um ponto de vista relacional? O sentido é uma propriedade que certas coisas *possuem*, ou algo que emerge para nós a partir de nossa *relação* com elas? Nozick aceita a validade de ambas as compreensões ao mesmo tempo, pois é possível que um ser ilimitado exista (e que seria fonte de sentido), ainda que nós desconhecamos este fato, e nesse caso viveremos tentando nos conectar com coisas valiosas (que não seriam fonte de sentido, mas através das quais supostamente *emergiria* o sentido). Isso cria certa tensão, pois parece que poderíamos encontrar sentido por dois modos não apenas inteiramente distintos, mas que também ensejam compreensões inteiramente distintas a nível conceitual mesmo. É possível que o sentido abarque ambas as compreensões? Não deveríamos optar por uma delas (inviabilizando a outra)? Se o sentido pode envolver a um só tempo as duas compreensões, não seriam tipos de sentido distintos e, nesse caso, também não seria possível estabelecer diferenças qualitativas entre eles?

Diante dessas considerações, parece que o valor surge como uma espécie de *Deus ex-machina* introduzido como último artifício para salvaguardar a possibilidade de vivermos vidas significativas diante das incertezas quanto ao ilimitado, mas que falha ao apontar para uma concepção de sentido que, conceitualmente, não mantém uma linha de continuidade e coerência com a anterior. Essa ambiguidade conceitual, que não é resolvida, faz a reviravolta promovida por Nozick soar não tanto como uma solução consistente para o problema, mas, muito mais, como uma tentativa débil de oferecer uma saída para uma situação difícil de se aceitar existencialmente: a de que talvez tenhamos que viver sem saber se é possível o sentido – que ele pode estar por aí, sem que saibamos como tocá-lo. O que talvez seja ainda pior do que *saber* que tudo é absurdo. Nozick, então, recua e se mostra mais moderado em suas aspirações.

Outra objeção à teoria de Nozick reside no fato de que não está claro de que forma a noção de valor é capaz de interromper, de uma vez por todas, a cadeia de questionamentos que o filósofo menciona. Conforme afirmado, um modo típico e válido de colocar em questão o sentido de alguma coisa é descobrindo um contexto mais amplo que nos faça duvidar de que essa coisa seja significativa, valiosa ou importante, e isso continua sendo possível de ser feito. Se, por meio da imaginação, existe a possibilidade de vermos nossa atividade, empreendimento, e mesmo nossa vida, como a coisa limitada, particular e pequena que é, de que modo nos conectarmos a valores exteriores escaparia de maneira inevitável desse mesmo olhar? Poderíamos lançar as

mesmíssimas questões colocadas outrora por Nozick: por que seria importante me conectar a certos valores, circunscritos a um ínfimo planeta que gira em torno de uma pequena estrela que ocupa... e assim por diante? E, se podemos imaginar uma perspectiva a partir da qual isso não seria assim tão importante, como tal conexão agregaria sentido à vida? Curiosamente, outrora, ao questionar de que modo cumprir o propósito de Deus seria capaz de trazer sentido à vida, Nozick afirmou, como resposta meramente provisória, que Deus é bom, e portanto poderíamos concluir que seria bom cumprir seu plano para nós. Mas logo interpela-nos novamente, questionando como fazer o bem poderia fornecer sentido. Ora, podemos aplicar, agora, exatamente o mesmo tipo de raciocínio (uma vez que fazer o bem seria algo valioso). E, indo mais longe, alguém não poderia afirmar: “ok, admito que seja bom fazer certas coisas; mas não vejo como isso traria sentido à minha vida realmente”? Como se vê, a cadeia de questionamentos não se interrompe necessariamente. Conforme o filósofo apontou anteriormente, por mais amplas e intensas que sejam essas conexões, é sempre possível “desenhar uma fronteira”, colocar-se para lá dela e questionar sua importância. O que ocorreu realmente é que Nozick *resolveu* contentar-se com a ideia de que a conexão com valores externos traz sentido à vida – assim como poderia ter se contentado com outra resposta e parado de questionar muito antes.

Para se mostrar coerente com todo o encaminhamento argumentativo percorrido, seria mais apropriado se Nozick tivesse deixado sua solução alternativa de lado, e se mantido no entendimento do sentido como uma *propriedade*. Pois se o sentido depende de conectarmos-nos com outra coisa para além dos próprios limites, então, como o filósofo afirmou, essa coisa precisa ter/ser fonte de sentido, senão caímos numa regressão ao infinito; daí se segue que essa coisa com a qual devemos nos conectar *não pode ter um limite*, pois, tendo, ela não poderia retirar seu sentido de si, mas por meio da conexão com algo que a transcenda. Ao inserir na equação a ideia de valor, Nozick passa a sustentar que para vivermos vidas significativas basta transcender os limites do seu próprio valor que o sentido daí emergirá, estranhamente – ainda que o próprio valor não seja algo que transcenda todos os limites e que não seja fonte de sentido. Mas, dessa forma, continua sempre possível se colocar para além dele, questionando sua importância, e Nozick apontou anteriormente a necessidade de superar essa dificuldade. O filósofo mostra dificuldade em se desvencilhar dos desdobramentos de seu próprio raciocínio,

que o leva, impiedosamente, a uma direção que não o agrada, e diante da qual ele recua: a do supernaturalismo.<sup>13</sup>

Tais objeções mostram a fragilidade da saída encontrada por Nozick para tornar o sentido não apenas possível, mas efetivamente alcançável na vida. A teoria de Nozick seria muito mais coerente se não tivesse buscado essa solução alternativa, mas muito menos palatável em um contexto em que a possibilidade da existência de uma natureza divina é encarada com cada vez mais ceticismo.

## Conclusão

Refazendo o percurso do pensamento de Nozick, verificamos como o filósofo, partindo de noções comuns sobre o sentido da vida, chega em primeiro lugar a uma concepção formal de sentido, e, posteriormente, esmiuça melhor seu conteúdo. Uma vida é significativa quando o padrão que a vida da pessoa exemplifica fornece uma lição positiva. Mas qual padrão e que lição seriam essas?

Nozick passa a abordar duas concepções geralmente veiculadas sobre o sentido: a de que a morte põe um obstáculo para que a vida tenha sentido, de um lado, e a de que Deus é necessário para viabilizá-lo, em virtude de ter estabelecido um propósito para suas criaturas. Analisando-as detidamente, Nozick conclui que as percepções são em si mesmas frágeis, mas guardariam algo de essencial: respectivamente, a ideia de que a duração ou permanência são elementos importantes para o sentido e a de que o ilimitado seria o aspecto do divino capaz de trazer sentido à vida, com o qual precisaríamos nos conectar.

Nozick julga captar a essência dessas noções na afirmação de que procurar sentido na vida envolve uma busca por transcender os limites da vida individual, estabelecendo conexões com algo que transcende a si mesmo. No entanto, se por definição o sentido depende de conectarmos-nos com outra coisa para além dos próprios limites, então essa coisa precisa ter/ser fonte de sentido, senão cairíamos numa regressão ao infinito, em que A precisa se conectar com B, B com C, C com D, e assim indefinidamente, sem chegar ao termo final. Daí se concluiu que essa coisa com a qual devemos nos conectar não pode ter um limite, pois, tendo, ela não poderia retirar seu sentido de si, mas por meio da conexão com algo que a transcenda. Para que nossas vidas tenham sentido, então, precisaríamos nos conectar com o ilimitado, já que

---

<sup>13</sup> Posição segundo a qual a vida só pode ter sentido se estabelecermos uma relação adequada com uma realidade espiritual.

nunca poderíamos nos colocar para lá dele e questionar seu valor e importância. Mas, conforme Nozick percebe, não podemos garantir que o ilimitado exista. Devemos abrir mão do sentido? Para ele, não. A vida pode ter sentido não apenas nos conectando com algo que seja fonte de sentido; mas esse sentido pode emergir ao nos conectarmos com algo valioso, o que encerraria a cadeia de questionamentos. Sob esse aspecto, Nozick destaca os valores éticos.

Em seguida, levantamos algumas objeções à teoria de Nozick, apontando fragilidades na solução alternativa encontrada. Todavia, apesar dos problemas de coerência interna, há algo de sua teoria que podemos salvar e tornar proveitoso ao debate sobre o sentido da vida. De modo similar ao *modus operandi* do filósofo, que descartou certas concepções mas reteve o que lhes era essencial, fazemos o mesmo agora: pois é difícil negar a *força* da essência da ideia de Nozick, segundo a qual o sentido envolve transcender os limites do eu, conectando-nos com valores externos. Ainda que por razões e seguindo caminhos distintos, tal visão é compartilhada por Susan Wolf, a filósofa mais representativa da corrente de maior peso no debate contemporâneo sobre o sentido da vida, que se desenrola no interior da filosofia analítica: o naturalismo objetivista.<sup>14</sup> Ela condensa uma visão comumente partilhada por esses filósofos, segundo a qual uma vida com sentido seria uma vida de entrega ativa, e em parte exitosa, a projetos que possuiriam *objetivamente valor positivo*. Dedicar-se a coisas só porque são boas para nós seria egoísta, solipsista, incongruente com a verdade sobre nossa situação no mundo.

A essência da visão exposta por Nozick pode ser encontrada também na posição supernaturalista. John Cottingham, por exemplo, afirma que possuímos um anseio por *transcender os limites de nossa finitude*, e assim viver vidas com sentido.<sup>15</sup> Assim como Nozick afirma que quanto mais nos envolvermos com coisas valiosas fora de nós, mais transcendemos os limites do nosso eu (pois deixamos de nos preocupar com o eu), também para Wolf precisaríamos nos desapegar da ânsia pelo sentido para encontrá-lo, pois, enquanto nos preocupamos em trazer sentido às *nossas* vidas, permanecemos focados em nós mesmos. Cottingham, por sua vez, também ressalta a centralidade da moralidade na busca por sentido, que envolve essa dedicação ao outro que não nós mesmos.

---

<sup>14</sup> Para o naturalismo objetivista, há critérios objetivos capazes de tornar uma vida significativa e que independem da existência de uma realidade transcendente. A filosofia de Nozick, se inicialmente flerta com uma posição supernaturalista, segundo a qual apenas a existência de uma realidade transcendente poderia dar sentido à vida, posteriormente se encaminha para o naturalismo objetivista.

<sup>15</sup> Para mais sobre Cottingham, ver: OLIVEIRA, Anamar Moncavo. *Existência, transcendência e o sentido da vida em John Cottingham*.

E, assim como Wolf e Cottingham e tantos outros, Nozick considera a necessidade e a busca por sentido centrais para a existência humana. Até onde sabemos do que está disponível na literatura filosófica, este parece ser um ponto de concordância no debate, perpassando as mais distintas posições sobre o tema. Seria um exagero falar de uma necessidade *intrínseca* de sentido que seres limitados, porém reflexivos, como nós, possuiriam? Não faz parte do escopo do artigo tentar responder a isso. Mas, no mínimo, parece ser razoável concordar, com Nozick e filósofos como Wolf e Cottingham, que o sentido também não pode ser entendido meramente como uma ideia arbitrária que algumas pessoas voluntariamente criaram e decidiram buscar em suas vidas. Parece, ao contrário, que sua busca responde a, no mínimo, necessidades psicológicas profundas.

Isso abre, não obstante, outros problemas. Afinal, tais necessidades psicológicas devem, forçosamente, ser fomentadas e satisfeitas? Será que elas são positivas apenas porque são profundas e se impõem para nós como imperiosas? Ou a resposta para esses problemas é tão positivamente óbvia que eles nem deveriam ser levantados? A psicanálise, desde Sigmund Freud, mostra que muitos de nossos comportamentos e anseios encontram raízes nas profundezas de nosso inconsciente, mas eles não *necessariamente* constituem-se como padrões de ação ou pensamento saudáveis. Precisamente em virtude disso, o método terapêutico desenvolvido por Freud tem como objetivo justamente trazer à tona, tornar consciente aquilo que silenciosamente nos guia de maneira inconsciente, de modo que possamos, gradativamente, alcançar certa liberdade sobre nosso modo de ser e agir. Talvez a mesma suspeita precise ser levantada também quanto ao sentido da vida. Será mesmo assim tão óbvia a suprema deseabilidade e gratificação envolvidas na ideia de se “viver uma vida com sentido”? Será que tentar questionar este ponto se reduz, ao fim e ao cabo, a uma brincadeira sem graça, um disparate? Certamente que não, pois, mesmo chegando à conclusão de que viver com sentido é *realmente* desejável, nunca o saberemos com certeza se já somos guiados pelo anseio de persegui-lo. Se há algo de profícuo nesta investigação, residirá no mínimo em assentar sobre bases mais sólidas algo que tanto a filosofia quanto o senso comum assumem de antemão. Mas isso é assunto para outro trabalho.

## Referências

- ALMEIDA, A. et al. *A arte de pensar*. vol. 2. Lisboa: Plátano Editora, 2007.  
COTTINGHAM, J. *On the meaning of life*. London: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. *Philosophy of religion: towards a more human approach*. New York: Cambridge University Press, 2014.

\_\_\_\_\_. *The spiritual dimension: religion, philosophy and human value*. New York: Cambridge University Press, 2005.

CRAIG, W. L. “The absurdity of life without God”. In: SEACHRIS, J. (Ed.). *Exploring the Meaning of Life: an anthology and guide*. Malden: Wiley-Blackwell, 2013.

EDWARDS, P. (Ed.). *The Encyclopedia of Philosophy*. New York: Macmillan, 1967, vol. 4.

FREUD, S. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, v. XVII, p. 171-179. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1917.

KLEMKE, E. D.; CAHN, S. M. (Ed.). *The meaning of life: a reader*. New York: Oxford University Press, 2017.

LACEY, A. R. *Robert Nozick*. Chesham: Acumen, 2001.

MARTIN, R. “A fast car and a good woman”. In: KOLAK, D.; MARTIN, R. *The Experience of Philosophy 2/e*. 2. Ed. Belmont: Wadsworth Publishing Co., 1993. Disponível em:

<[http://www.typetoken.com/2300\\_summer10/Martin\\_AFastCarandaGoodWoman.pdf](http://www.typetoken.com/2300_summer10/Martin_AFastCarandaGoodWoman.pdf)>. Acesso: 11. Jul. 2019.

METZ, T. “Poderá o propósito de Deus ser a fonte do sentido da vida?”. In: MURCHO, D. (Org.). *Viver para quê? – Ensaios sobre o sentido da vida*. Lisboa: Dinalivro, 2009.

METZ, T. “Recent work on the meaning of life”. In: *Ethics*. 112, p. 781-814, jul. 2002.

\_\_\_\_\_. “The concept of a meaningful life”. In: *American Philosophical Quarterly*, Vol. 38, n. 2, p. 137-153, abr. 2001.

MONCAVO, A. “Da validade psicológica do problema do sentido da vida em Raymond Martin”. In: *Eleutheria - Revista Do Curso De Filosofia Da UFMS*, 7(12), 2022, p. 160-182. Disponível em:

<<https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/15287>>.

Acesso: 11. Jun. 2022.

\_\_\_\_\_. “Existência, transcendência e o sentido da vida em John Cottingham”. In: *Estudos de Religião*, v. 34, n. 2, p. 369-395. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/10252/7352>>. Acesso: 11. Jun. 2022.

MURCHO, D. (Org.). *Viver para quê? – Ensaios sobre o sentido da vida*. Lisboa: Dinalivro, 2009.

NOZICK, R. *Philosophical Explanations*. Cambridge: Harvard University Press, 1981.

TOLSTOY, L. *Confession*. Nova Iorque: W. W. Norton, 1996.

TURGUÊNIEV, I. *Pais e Filhos*. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

WOLF, S. “Felicidade e sentido: dois aspectos da vida boa”. In: MURCHO, D. (Org.). *Viver para quê? – Ensaios sobre o sentido da vida*. Lisboa: Dinalivro, 2009.

\_\_\_\_\_. *Meaning in life and why it matters*. Princeton: Princeton University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. “Os sentidos das vidas”. *Crítica na Rede*, mar. 2009. Disponível em: <<https://criticanarede.com/sentidosdasvidas.html>>. Acesso: 11. Jul. 2019.

Email: [anamarmoncavo@gmail.com](mailto:anamarmoncavo@gmail.com)

Recebido: 06/2022

Aprovado: 03/2023